

UMA INTRODUÇÃO AO PENTATEUCO

Meu pai foi um arameu prestes a desaparecer. Ele desceu até o Egito, onde passou a habitar com poucas pessoas, e aí veio a ser uma nação grande, forte e numerosa. Os egípcios, porém, nos maltrataram e humilharam, impondo dura servidão sobre nós. Clamamos então a Javé, o Deus de nossos pais, e Javé ouviu nossa voz. Viu nossa aflição, nosso sofrimento e nossa opressão. E Javé nos tirou do Egito com mão forte e braço estendido, em meio a grande terror, com sinais e prodígios. E nos trouxe a este lugar, dando-nos esta terra, terra que mana leite e mel (Deuteronômio 26,5-9).

Com essas palavras, o autor expressa o ato de fé do povo de Israel em Javé, o Deus dos pais. É o autêntico “credo” de Israel, espécie de síntese de todo o Pentateuco. Israel dá graças a Javé, de quem tudo recebe, de modo especial a terra onde correm leite e mel (Ex 3,8). Arameu errante refere-se a Jacó e outras personagens, segundo os relatos de Gênesis (25,20; 28,5; 31,20.24).

A Bíblia hebraica (Antigo Testamento do judeus) é dividida em três partes: Torá (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio), Profetas (profetas anteriores: Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis; profetas posteriores: Isaías, Jeremias, Ezequiel; profetas menores: Oseias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias) e Escritos (Salmos, Jó, Provérbios, Rute, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Lamentações, Ester, Daniel, Esdras/Neemias, 1 e 2 Crônicas), formando a assim chamada TaNaKa (*tanach*) ou TNK (*Torá, Neviim, Ketuvim* ou *ketubim*).

Por outro lado, a Bíblia católica (cf. Bíblia de Jerusalém e Nova Bíblia Pastoral) divide o Antigo Testamento em quatro partes: Livros do Pentateuco, Livros Históricos, Livros Sapienciais e Livros Proféticos.

Todo o Antigo (ou Primeiro) Testamento tem uma longa história antes de ser formado como o conhecemos hoje. São mais de mil anos de história, narrados ao longo de séculos. Os cânticos de Moisés (Ex 15) e Débora (Jz 5) são considerados uns dos mais antigos escritos do Antigo Testamento (séculos 11-10 a.C.).

Neste volume, o objetivo é desenvolver os livros que compõem a primeira parte, ou seja, o Pentateuco, formado pelos cinco primeiros livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Essa parte é o primeiro bloco de livros que compõe o Antigo Testamento das Bíblias católicas.

INTRODUÇÃO

Pentateuco deriva de duas palavras gregas: *penta* + *teukos*, que significa “cinco (*penta*) estojos ou rolos (*teukos*)”. Portanto, Pentateuco é formado pelos cinco primeiros livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Os títulos desses livros derivam do grego e procuram dar uma ideia do conteúdo: Gênesis (origens da humanidade e do mundo); Êxodo (saída do Egito); Levítico (da tribo de Levi); Números (recenseamento das tribos); Deuteronômio (segunda lei, espécie de releitura das leis). No hebraico, recebem o nome da primeira palavra de cada livro. Neles há textos legislativos e narrativos. Estende-se desde a criação até a morte de Moisés.

Para os judeus (Bíblia hebraica), esses livros constituem a Torá. A palavra *Torá* significa, antes de tudo, ensinamento, instrução, caminho. Normalmente é traduzida (talvez não muito adequadamente) por lei, porque engloba as leis que Moisés deixou para o povo de Israel. Com isso, não quer dizer que os cinco livros do Pentateuco foram escritos por Moisés, como se pensava até início do século XX. Os livros são atribuídos a Moisés, porque é considerado patrono da Torá ou da Lei. A linguagem e os critérios teológicos mostram que o Pentateuco é resultado de muitas mãos, de vários locais e épocas diferentes.

Os livros do Pentateuco não foram escritos na ordem em que se encontram na Bíblia. Cada um desses livros tem uma formação bastante complexa e longa. São coletâneas de pequenas histórias, escritos diversos e tradições orais, que foram passando de grupo para grupo.

Para explicar essa diversidade de textos e gêneros,

surgiram várias teorias. Uma delas é a “teoria documental” de Wellhausen. Segundo essa teoria, o Pentateuco seria resultado de quatro principais fontes ou tradições: javista (J), Eloísta (E), sacerdotal (P) e deuteronomista (D). Cada uma delas surgiu em épocas e locais diferentes.

A *Tradição javista* (J) designa Deus com o nome de Javé (Iahweh), e ele é o Deus nacional. Essa tradição é encontrada especialmente nos livros do Gênesis (a partir do capítulo 2), do Êxodo e dos Números. Ela procura justificar o reinado de Davi, e Deus é visto como parceiro da humanidade, mesmo que esta nem sempre seja fiel. Reuniu e reelaborou tradições orais ou escritas das tribos e dos santuários. Adota uma linguagem especial, estilo vivo e colorido com profunda percepção psicológica. É, em sua maior parte, da época dos reis Davi e Salomão (século X a.C.), durante a monarquia unida e provém, sobretudo, do Reino do Sul.

A *Tradição eloísta* (E) chama Deus com o nome de Eloim (Elohim). Como a anterior, essa tradição está presente principalmente nos livros do Gênesis, do Êxodo e dos Números. Seu estilo é sóbrio e peculiar, evitando o antropomorfismo. Apresenta uma relação não muito íntima entre Deus e o ser humano. Em comparação com a javista, Deus é visto um pouco distante do ser humano: não vem passear com o homem (Gn 3,8; 18,1s), ele fala do céu (Gn 21,17), em sonhos (Gn 15,1; 20,3ss), nem faz questão que lhe fale (Ex 20,19). Propõe o “temor de Javé” como modelador para o agir ético e está muito próxima do círculo profético. Essa tradição surge por volta de 850 a.C., em Israel (Reino do Norte).

A *Tradição sacerdotal* (P) recebe a sigla P por causa do nome alemão (*Priest*). É encontrada nos quatro primeiros livros. O Levítico é formado praticamente por essa tradição. Foi elaborada durante o exílio na Babilônia e concluída no pós-exílio. Ela se interessa principalmente pela organização do santuário, pelos sacrifícios e festas, pelas pessoas e funções religiosas. Essa tradição foi motivada principalmente pelo fato de a tradição deuteronomista não ter sido do agrado do clero conservador de Jerusalém. “Em vez de

trazer Deus e a palavra de Deus para junto dos homens, procuravam elevar o homem a Deus pela fidelidade às leis e prescrições tradicionais” (Harrington, 231). Os sacerdotes propunham ser santos porque Javé é santo (Lv 19,2). Os sacerdotes no exílio, longe do templo, procuraram reorganizar a vida em torno da Torá. O judaísmo tornou-se uma “religião do livro”.

A *Tradição deuteronomista* (D) se limita ao último livro do Pentateuco, o Deuteronômio, cujo centro é o “código legal” (Dt 12-26), que remonta à época mosaica (cf. Harrington, 229). O deuteronomista vê Deus como o “Senhor teu Deus” ou o “Senhor vosso Deus”. Deus libertou o povo do Egito para se apossar da terra onde “corre leite e mel” (Ex 3,8). Convida à vivência dos mandamentos, principalmente o mandamento de amar a Deus e ao próximo. A observância dos mandamentos assegura a bênção divina. Esses mandamentos não correspondem a algo inatingível ao homem, mas está ao alcance de todo ser humano (Dt 30,11-14). Repete, em parte, as leis dos outros livros do bloco. Mostra que a história reflete o amor de Javé para com seu povo escolhido. No Deuteronômio, o “amor” é uma palavra-chave (Dt 7,8; 10,15; 26,6), provavelmente influenciado por alguns profetas, tais como Oseias (Os 11,1-2.8), Jeremias e Ezequiel. Essa literatura surge no tempo do rei Josias (640-609 a.C.), mas foi revista no tempo do exílio. Essa literatura abrange diversos outros livros além do Deuteronômio.

Aceitas ou não, essas tradições querem mostrar que o Pentateuco é formado por diversas camadas diferentes. Revelam que esses cinco livros tiveram uma longa história antes de ficarem prontos, como os conhecemos hoje. São mais de cinco séculos de história, desde os primeiros escritos, os códigos de leis (pelo século X a.C.) até a coleção sacerdotal (do século V a.C.). O Pentateuco, como o conhecemos, foi concluído por volta do ano 400 a.C. As tradições acima mostram ainda que esses livros tiveram origem em lugares diferentes. Por isso, temos textos parecidos, repetidos (Gn 1,1-2,4/ Gn 2,4-25; Ex 20/Dt 5; Ex 23/Lv 23/Dt 16; Ex 20,9-11/Dt

5,12-15), divergentes (Ex 19,1/3,1; Gn 12,6/Dt 1,19) e até contraditórios (Gn 6,19/Gn 7,2; Gn 7,17/Gn 7,24; Gn 12 e 20 [atribuída a Abraão e Sara]/Gn 26 [Isaac e Rebeca]). Apesar de repetições ou até contradições, cada texto tem sua marca própria.

O Pentateuco, portanto, não foi escrito de uma só vez nem é obra de um único escritor. Foi escrito a partir de tradições orais e escritas que foram sendo coletadas progressivamente e formando unidades maiores ao longo dos séculos. Por ocasião da volta do exílio, provavelmente todo esse material sofreu alguma releitura. Foram acrescentados alguns aspectos, modificados outros e tirado alguns. As tradições e os materiais antigos podem ter mantido, na sua forma final, os traços dessa antiguidade.

No século VIII a.C. aparece o Deuteronômio primitivo (Dt 12-26), descoberto no tempo de Josias (622 a.C.) no templo de Jerusalém, que inclui normas e instituições dos camponeses do norte, e mais tarde foi completado, formando o atual texto de Deuteronômio 1-28. Com as questões levantadas, com o retorno do exílio, nasce a “Obra Histórica Deuteronomista”, elaborada ao longo de várias etapas, integrando, de algum modo, todos os materiais já recolhidos anteriormente.

Os autores do Pentateuco pretendem mostrar, nessa obra, não tanto o povo com suas virtudes e façanhas históricas, mas a presença de Deus atuando na vida e nas instituições humanas, incluindo a realeza, que para o povo bíblico era considerada de origem divina. O poder vem de Deus e da sua Palavra, transmitida por seus intermediários.

Para os judeus, o Pentateuco não é um simples conjunto de leis humanas; é um ensinamento ou caminho para viver segundo a vontade de Deus, um chamado à santidade: “Eu sou Javé, que os tirei do Egito, para ser o Deus de vocês. Sejam santos, porque eu sou santo” (Lv 11,45). Assim, essa obra é a “carta magna” do judaísmo pós-exílico. Com isso, o Estado judaico, antes apoiado nas estruturas da monarquia, passa a reger-se pela “Lei” de Deus e deixa-se orientar pelos que detêm o monopólio do culto, os sacerdotes: “Uma

comunidade monárquica transforma-se numa comunidade cultural em honra do Deus da Aliança”:

O Pentateuco possui uma função principal: criar a identidade do povo de Israel, graças ao laço genealógico nos relatos patriarcais, e à Torá, que contém a história e o direito comum a todos os membros de Israel (Ska, 64).

Esse bloco fundamenta sua unidade em torno de um relato histórico, que engloba a criação do mundo e da humanidade, a história dos patriarcas, a ida para o Egito e a saída dele, a aliança do Sinai e a caminhada pelo deserto até a travessia do Jordão. A morte e a sepultura de Moisés encerram a primeira parte da Bíblia. Nessa parte, temos todas as coleções legais de Israel. O resto do Antigo Testamento praticamente não contém mais códigos legais para o Israel histórico.

O Pentateuco é formado de modo semelhante a um “quiasmo”, tendo como centro o Levítico. Para Romer, os livros de Gênesis e Deuteronômio têm alguns aspectos em comum. Os dois possuem uma “promessa”: a primeira (Gn 12,7), a última (Dt 34,4); uma “bênção” de Jacó (Gn 49), uma “bênção” de Moisés (Dt 33). As duas personagens, Jacó e Moisés, morrem logo depois das bênçãos. Esses dois livros formam algo como a “moldura” do Pentateuco. Os livros do Êxodo e de Números estão relacionados um com o outro, formando um “quadro interior” ao Pentateuco. Itinerário comum: o livro do Êxodo: Egito – deserto – Sinai; livro de Números: Sinai – deserto – Moab; Páscoa (Ex 12) e (Nm 9); murmurações (Ex 15-17) e (Nm 11-20); santuário (Ex 25-40), campo (Nm 1-9). O miolo do Pentateuco é o Levítico, e o centro do Levítico é o capítulo 16: dia das expiações (*Yom Kipur*), tendo em volta 1-15: sacrifícios e prescrições, 17-26: prescrições e sacrifícios (cf. Romer, 82). Portanto, para os judeus, o livro do Levítico constitui o centro da Torá.

Normalmente, a divisão dos livros adotada aqui segue a Bíblia de Jerusalém (BJ) com pequenas variações. As citações normalmente são tiradas da Nova Bíblia Pastoral (NBP).

LIVRO DO GÊNESIS

1. Introdução

O livro do Gênesis é o primeiro livro que se encontra na Bíblia, mas não foi o primeiro a ser escrito. Aliás, todo ele é um retalho de tradições de várias épocas. Foi sendo formado ao longo de vários séculos até chegar ao que temos hoje.

O livro inicia com a palavra hebraica *bereshit*, que significa *no princípio*. O grego, por sua vez, a traduziu por *gênesis*, da qual deriva o nome do livro. A palavra *gênesis* significa origem, nascimento, início. Foi assim chamado porque nele encontramos relatos ou narrativas sobre a origem da vida, do mundo e do povo de Israel.

Essas narrativas não são históricas, são antes reflexões do povo sobre suas origens e sobre a origem das coisas. Seu interesse não é explicar científica ou historicamente o passado, mas contar o passado para entender a realidade presente. São relatos sobre os ancestrais do povo de Israel, os assim chamados patriarcas e matriarcas.

O Gênesis, assim como os outros livros bíblicos, não foi escrito na época em que os fatos aconteceram. Por exemplo, a vida de Abraão foi escrita em torno de oitocentos anos depois dos fatos, e até então os fatos foram conservados oralmente. A literatura bíblica não é jornalismo, que divulga os fatos quase ao mesmo tempo em que acontecem. Nem propriamente história no sentido moderno, com prova científica.

O livro do Gênesis levou em torno de quinhentos anos para chegar como o conhecemos. Foi elaborado praticamente em três momentos importantes: durante o reinado do rei Salomão (971-931 a.C.); durante o período entre 800-700 a.C.;

durante o período do exílio na Babilônia e do pós-exílio (585-400 a.C.). É nesse último período que recebeu os últimos acréscimos e retoques. O livro é formado sobre as camadas javista (J), eloísta (E) e sacerdotal (P).

A divisão do livro é bastante relativa, e alguns dividem o livro do Gênesis em duas partes: capítulos 1-11: criação da humanidade e do universo; a humanidade e sua relação com Deus, suas instituições, suas falhas e seu destino. Os capítulos 12-50 descrevem a origem de Israel, na pessoa dos patriarcas e matriarcas, com três blocos de tradições: Abraão e Sara (Gn 12-25), Jacó e seus filhos (Gn 26-36) e José e seus irmãos (Gn 37-50).

Nós o dividimos em três grandes partes principais: A primeira parte (capítulos 1-11) pode também ser chamada “as origens”, porque trata das origens do mundo, da vida e dos diversos povos; apresenta o valor que devemos dar à obra de Deus. A natureza, a vida e a pessoa humana, tudo é obra de Deus. A segunda parte (capítulos 12-36) trata da história dos patriarcas e matriarcas de Israel, personagens importantes do mundo bíblico. A terceira parte (capítulos 37-50) narra a história de José e seus irmãos.

2. Origem da humanidade e do mundo (1-11)

Os onze primeiros capítulos do Gênesis tratam da criação do mundo e da humanidade, apresentam o Deus criador. Não são relatos históricos e científicos, são teologia da criação. A exemplo dos povos vizinhos, os autores desses capítulos relatam os fatos da criação por meio de mitos.

É importante destacar que os “relatos das origens” não são exclusivos de Israel: muitas outras civilizações tiveram seus mitos sobre a origem da humanidade e do universo. Esses primeiros capítulos da Bíblia sempre chamaram a atenção dos estudiosos e dos interessados em assuntos bíblicos. A descoberta das ciências e das letras provocou certa reviravolta na análise e compreensão desses relatos. E ainda hoje continuam preocupando e questionando cientistas e biblistas.

Essas narrativas não são históricas; são, antes de tudo, reflexões do povo sobre suas origens e a origem das coisas. Seu interesse é contar o passado para explicar a realidade que vive no presente. Esses capítulos são como o resumo da caminhada da humanidade, seus avanços e tropeços.

Nesses capítulos, podemos destacar quatro principais acontecimentos: a criação (Gn 1-2); a queda (Gn 3-4), o dilúvio (Gn 6-8) e a babel (Gn 11).

2.1. A criação (1-2)

Os dois primeiros capítulos do Gênesis trazem dois relatos de criação, de épocas e contextos diferentes, cada um enfocando um aspecto próprio. Nenhum dos dois pretende ser um relato científico das “origens do cosmo e da humanidade”. Tudo é obra de Deus, e ele viu que tudo era muito bom (Gn 1,25).

O primeiro relato da criação (Gn 1,1-2,4) foi escrito durante o exílio na Babilônia (586-538 a.C.). Mostra que Deus é o único Deus verdadeiro e o criador do universo. A partir do refrão “Deus disse”, as coisas foram sendo criadas. A palavra de Deus cria e recria, faz acontecer. Do caos vazio, o criador organiza o universo (Gn 1,2) e Deus viu que toda sua obra “era boa”.

O relato em forma de semana aponta como ponto alto o sexto dia, a criação da humanidade, homem e mulher, imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27). A humanidade é a última e a mais importante obra do criador. O sétimo dia é o sábado, que propõe o direito ao descanso semanal.

Na Babilônia, o povo adorava os astros (sol, lua, estrelas) como se fossem deuses. O autor quer mostrar que são obras de Deus e, portanto, não podem ser tomados como deuses. Deus criou todos os seres do céu e da terra, ele é o Senhor da história e do universo. Toda a natureza é obra dele. Lá na Babilônia, o povo hebreu vivia como escravo sem direito sequer ao descanso, e por isso o autor diz que Deus descansou no sétimo dia. Como Deus tem direito ao descanso, toda pessoa também tem esse direito sagrado.

A semana em seis dias de trabalho e um de descanso é estabelecida como aliança sagrada (Gn 31,17). Portanto, nesse primeiro relato da criação, temos dois dias, que são o ponto alto da criação: o sexto dia, criação da humanidade; e o sétimo dia, o sábado, dia sagrado do descanso.

O segundo relato da criação (Gn 2,4-25) é anterior ao primeiro, e foi escrito no tempo da monarquia, mais precisamente durante o reinado de Salomão (971-931 a.C.). Esse relato praticamente não fala da criação do universo, mas diz que Deus “modelou” o ser humano do pó do solo e soprou nele o sopro da vida (Gn 2,7). O homem, por sua vez, participa da criação, cultivando e cuidando do jardim e dando nome aos outros seres vivos. Deus aparece como oleiro, modelando os seres a partir do solo, e como agricultor, plantando um jardim.

Do caos, Deus organizou o cosmo, universo organizado e harmonioso. O sonho de Deus, ao criar o mundo, era estabelecer harmonia de toda obra criada, propor bem-querer e respeito entre todos os seres e formar o ser humano à sua imagem e semelhança para viver livre no jardim.

Enquanto, no primeiro relato, a humanidade foi a última a ser criada, no segundo, ela é a primeira obra criada. Outro aspecto importante desse segundo relato é a mulher criada como companheira e auxiliar do homem (tirada do lado, Gn 2,21) e não escrava.

Essa narrativa começa com “terra seca”: não havia água sobre a terra nem vida (erva, arbusto), por isso deve ter surgido numa região deserta de Israel. Mas o Deus criador, com o auxílio do ser humano, tudo muda: a água surge, a natureza floresce e a vida se espalha.

2.2. A queda (3-4)

Esse desejo de Deus, essa harmonia, porém, não dura muito. De repente, surge a serpente. Ela desempenha vários papéis, dependendo da cultura de cada época e de cada região, e pode ser vista de forma negativa ou positiva, símbolo de morte e de vida. Nos relatos da criação, ela é descrita